

"OPA! DE NOVO VIOLÊNCIA?"

Uma conversa com grupo de jovens ex-assaltantes

Thomas Leithäuser

Resumo

O artigo é o resultado de uma pesquisa realizada com jovens turcos, poloneses e alemães. Com idades entre 16 e 19 anos, estes jovens foram membros de gangues e vivenciaram a violência como parte integrante de seu processo de socialização. Partindo da idéia da dialética do reconhecimento de Hegel, é apresentada uma interpretação da relação que se estabelece entre a vítima e o jovem agressor. A violência aqui se toma parte do processo de negociação de uma identidade social num contexto de desigualdade e discriminação. O autor conclui analisando a perspectiva de inserção desses jovens na sociedade civil a partir da abertura de oportunidades no mundo do trabalho.

Palavras-chave

Juventude. Reconhecimento. Violência.

"OOPS! VIOLENCEAGAIN?" A group conversation with young former thieves

Abstract

The following article is the result of a research done with young Turkish, Polish and German. With ages varying from 16 to 19 years old, these youngsters were members of gangs, experiencing violence as all intimate part of their socialization process. Departing from Hegel's idea of a dialectics of recognition, an interpretation of the relationship established between victim and young aggressor is offered. Violence here become part of the process of negotiating social identity in a context of inequality and social discrimination. The author concludes the article considering the perspective of insertion of this group in civil society through the opening of opportunities in the professional world.

Keywords

Youth. Recognition. Violence.

Encontramo-nos no porão de um local público de lazer. Sete rapazes vieram ao encontro marcado. Quinze minutos depois, ainda se juntaram mais um rapaz e uma moça vestindo seus 'trapos finos'. Depois da nossa conversa, queriam ainda festejar um aniversário e haviam trazido bebidas e comidas. Enquanto nós, Renate Haak-Wegner e eu, aguardávamos junto com os primeiros que chegassem os outros participantes do grupo de discussão, após cumprimentos gentis, ofereceram-nos café e biscoitos, oferta que aceitamos de bom grado. Rapidamente travou-se uma conversa descontraída sobre as possibilidades que um local público de lazer oferece aos jovens e que tipo de jovens frequentam tais locais. Logo se revelou que nosso grupo não era um grupo incomum. Compunha-se de jovens turcos, poloneses e alemães com idade entre 16 e 19 anos. O grupo como um todo era estimado em aproximadamente trinta membros, dos quais nove vieram conversar conosco.

Na sala do porão arranjaram-se rapidamente as cadeiras necessárias, que foram dispostas em círculo. Colocamos o nosso gravador no centro, numa cadeira. O grupo não se incomodou com o fato de gravarmos a conversa após garantirmos que, na transcrição, as falas ficariam anônimas. Queriam, como nos disseram, ajudar o nosso trabalho de pesquisa, o qual havíamos explicado da maneira seguinte:

Estamos fazendo uma pesquisa acerca da questão de como se têm desenvolvido ultimamente a violência, a insegurança e a segurança no bairro, nas ruas, nas praças, nas escolas, nos locais de lazer. Nos interessamos pelas experiências de vocês. Gostaríamos de saber se já foram roubados, se vocês mesmos já roubaram, extorquiram dinheiro ou outras coisas; como acontecem essas ações.

Os participantes na nossa conversa se dispuseram de bom grado a responder detalhadamente a essas perguntas. Aos dois colegas que chegaram mais tarde, eles mesmos explicaram o assunto sobre o qual havíamos

começado a falar: "Eles querem escrever um livro e agora estão gravando as coisas da gente, as experiências que vivemos."

Desde o início, instalou-se um clima de **confiança** entre nós. O grupo era muito cooperativo, e Renate e eu sentimos-nos bem acolhidos. Assim, desvaneceram-se rapidamente algumas preocupações sobre como se desenrolaria a nossa conversa, preocupações que haviam surgido naturalmente entre nós dois a caminho para o local do encontro - afinal, não conhecíamos o grupo, salvo dois participantes com os quais havíamos tido conversas prévias. Como se deu o cantata com essa gangue de jovens?

Na hora do planejamento do projeto, não pensamos especialmente numa conversa de grupo com uma gangue. Embora desejássemos falar com grupos de camadas e contextos sociais tão diversos quanto possível, não queríamos determinar de início quais seriam especificamente contatados. Queríamos deixar a opção aberta para todos os grupos possíveis. Como é habitual em pesquisas etnológicas, também nós, psicólogos sociais, queríamos levar em consideração as particularidades do nosso campo de pesquisa, um bairro, reservando-nos a possibilidade de reagir a eventuais ofertas que surgissem no local.

Numa conversa de grupo com professoras e professores de uma escola de ensino médio, conhecemos um professor que dedicava particular atenção a alunos que haviam entrado na zona opaca da pequena criminalidade e das pancadarias. Em outra entrevista, que fizemos com ele, relatou acerca de uma gangue de jovens que passara a confiar nele e que freqüentemente lhe pedia conselhos, ajuda e apoio com respeito a seus problemas e conflitos cotidianos, incluindo-se aí atos de pequena criminalidade e pancadarias com outros jovens e gangues de jovens. Esse tipo de auxílio era frequente, levando a conversas que os jovens consideravam esclarecedoras. A nosso ver, deve-se essencialmente a este professor o fato dessa gangue de jovens ter conseguido se afastar da zona opaca de violência juvenil e retomar a esquemas de convívio civil.

Com a ajuda e o apoio deste professor ocorreram as duas conversas iniciais com dois representantes da gangue, com os quais combinamos um encontro para falar da maneira mais aberta possível sobre violência em ruas, praças, escolas e outros lugares. Com a sua participação em nossa pesquisa, a gangue juvenil queria contribuir de modo claro para o restabelecimento da segurança no bairro. É neste sentido que se há de avaliar a conversa de grupo.

Depois desta conversa, mantivemos o contato com a gangue e realizamos junto com eles e um grupo de alunos de ensino médio uma oficina de teatro com duração de três dias.

"Ameaçamos e se alguém não quiser dar seu dinheiro, usamos outros métodos."

Nosso grupo de discussão começa com o tema roubar. Perguntamos aos nossos interlocutores sobre o que é roubar e como se faz isso:

- Bom, a gente escolhia uns caras - na maioria dos casos eram alemães, quer dizer. sempre alemães. Abordávamos ele e falávamos: "Tem **dinheiro**?" Se falava não, a gente dava geral nele. Se a gente encontrava alguma coisa, a gente pegava e soltava ele. Ou a gente dava na cara dele, ou falava: "Amanhã você vai voltar aqui porque você mentiu e vai trazer dinheiro". ou algo assim. E a maioria faz assim porque tem medo. Então eles vêm. Também não vão para a polícia ou algo assim. Eles sabem, se vão para a polícia, aí vai ter problemas com a gente.

Moderador da conversa: - Aí vai ter problemas sérios?

- Aí vai ter problemas sérios, e então eles nos davam dinheiro.

Moderador da conversa: - E quanto mais ou menos, quanto?

- Uns cem marcos, senão mais. Se tinham mais, ainda nos davam mais. Havia também pessoas que roubamos mais vezes. Quer dizer. uma pessoa ou várias que sempre roubávamos. continuamente.

Nossos interlocutores salientam que atualmente não continuam fazendo isso e que não acham bom o que faziam. Descrevem-nos como começavam a agir quando tomavam alguém vítima Abordavam-no, cercavam-no, fitavam-no e falavam: "Você ameaçou a gente" e "Ó, você nos ameaçou de novo". Repetia-se isso até que ele amolecesse, senão aplicavam pancadas. Essa é uma cena dura, na qual não se deixa outra opção à vítima a não ser

submeter-se e entregar seu dinheiro, se não quer arriscar "problemas" ainda maiores. A vítima deve "amarelar", ficar com medo de tal modo que nem ouse ir à polícia ou contar algo **em** casa sobre o incidente. Deve ficar convencida de que os "problemas" só aumentarão se não se submeter. Espancam-na, culpando-a de haver ameaçado e mentido e intimidando-a de tal maneira que ela reapareça no dia seguinte para entregar mais dinheiro. A vítima deve ficar encurralada. É colocada sob pressão psicológica, de certa forma aprisionada ao papel de vítima. Deve chegar à convicção de que aquilo ainda é o melhor que lhe pode acontecer; poderão ocorrer coisas piores. As ameaças são feitas não só com palavras, mas também com pancadas, às vezes também com uma faca e outros objetos utilizados como arma.

Entretanto, parece que a ação de furtar não se restringe tão somente à extorsão de dinheiro, de um casaco e de outros objetos dos quais os infratores "de repente gostaram". Trata-se também da humilhação da vítima. Junto com os objetos materiais, quer-se subtrair-lhe também a sua honra e a sua dignidade. Aparentemente não se trata unicamente de um roubo simples, motivado só por um interesse material imediato. A vítima não tem chance alguma de se tomar um adversário potencial. de nível equivalente. Quando quer declarar alguma coisa, é interrompida com ordens rudes como "Cala a **boca!**" ou é ameaçada com pancadas. A vítima deve ser mantida desde o início acanhada e fraca. Isso funciona melhor com aqueles que, pela aparência, acredita-se serem os mais fracos e medrosos, aqueles cujo coração logo lhes sai pela boca quando são abordados de um jeito um pouco mais duro. Numa entrevista **CULTA** durante a oficina de teatro, da qual ainda se tratará, um dos participantes da conversa se pronunciou da seguinte maneira:

Furtar é coisa diária, todos os dias algumas pessoas são roubadas. A mim, ninguém ainda roubou. também não deixaria ninguém me roubar. É, acontece muito assim, a gente procura pessoas mais fracas. Quando, por exemplo, tem alguém aí que é maior ou mais velho que eu: ou, por exemplo. quando tem alemães aí. Eu vou lá com meu amigo, ele é turco. eu sou turco, e a gente aborda eles e diz: "Passem todo o seu dinheiro pra gente." Então, eles entregam logo. parece que amarelam. Se isso fosse comigo, então a gente ia se bater... Mas os alemães, eles parecem ter medo da gente, eles simplesmente entregam tudo. É sempre assim: os fortes roubam os fracos.

Fazer outros "amarelarem" e não "amarelar" você mesmo, isso se consegue mais facilmente quando se roubam pessoas mais fracas. Evidentemente, trata-se também de se sentir o mais forte, de experimentar a sensação de ser mais forte. Tal experiência parece ser mais fácil de conseguir atuando junto com um amigo, em quem se possa confiar e a quem também não se pode deixar na mão. Esta amizade está inserida no contexto do grupo: eu sou forte porque nós somos fortes. Nos meus amigos, no meu grupo, posso confiar. Posso contar com o apoio deles. Aparentemente existe aí também exigência de que a própria pessoa seja forte, **defenda-se** quando outros chegarem para lhe furtar. Então, é preciso mostrar que não se pertence aos "mais fracos", que não se "amarela", que se sabe bater e dar pancadas. Isso é o que os amigos esperam, o que a gangue espera de cada um. E é preciso prová-lo volta e meia, e não demasiado raramente. Força necessita de sua demonstração, e não há nada mais fácil que demonstrar a própria força a pessoas mais fracas, exibir a força para os mais fracos, fazê-los "amareiar", fixá-los no papel de vítima, mostrar-lhes que se pode tirar-lhes tudo, fazer o que se quiser. Tal tipo de força e poder aparentemente produz uma sensação eufórica que se alimenta tanto do reconhecimento por parte dos amigos equivalentes, da gangue, como também do reconhecimento por parte das vítimas, dos subjugados. O reconhecimento dos amigos pode ser conquistado, granjeado: o reconhecimento dos roubados e subjugados é imposto à força. Isto acontece mediante a ordem rude de "cala a boca!", a proibição de qualquer defesa verbal ou declaração, a punição da mentira, a repetida extorsão de dinheiro ou de outras coisas. O reconhecimento forçado não tolera a mínima reação, tampouco desculpa alguma. A vítima há de fazer o que lhe dizem, senão leva "pancada na cara".

Parece que a vítima passa por uma situação como aquela do escravo na dialética do senhor e do servo de Hegel. Surge apenas a questão de como escapular da escravização no processo de ser roubada. Se dermos crédito aos relatos dos nossos ex-assaltantes, muitas das vítimas o fazem submetendo-se sem resistência, entregando sem resistência o dinheiro e outras coisas exigidas. "Eles entregam logo, parece que amarelarn". Mas, será somente medo - o que certamente também é - ou, ao mesmo tempo, uma reação espontânea, o não-reconhecimento? Agindo dessa forma, a negação do reconhecimento no ato de ser furtado não terminaria tão rápido quanto possível, mediante a submissão sem resistência, e assim o fato seria parcialmente anulado? Entrega-

se rapidamente o dinheiro, evitando-se, por assim dizer, objetivamente - se não total, pelo menos parcialmente -, a possibilidade pior, ou seja, a subtração do reconhecimento, a humilhação na subjugação. Dinheiro e objetos podem ser substituídos. Muito mais difícil é o processamento da humilhação, violação da honra e profunda mágoa pessoal, vale dizer, a situação do não-reconhecimento.

É possível que a referência feita freqüentemente pelos assaltantes às vítimas que "amarelam" não somente implique um fator de desprezo, que a crítica do "amarelar" sem dúvida possui, mas também um fator de decepção. Quando alguém entrega rapidamente seu dinheiro, então o triunfo da humilhação, a privação do seu reconhecimento - seja mediante violência verbal, seja por meio de pancadas, seja ameaçando com uma faca-, não pode ser saboreado da maneira desejada. Não é somente que assim falta a "pancadaria", a satisfação do prazer de bater sob condições nas quais a vítima não teria, de qualquer forma, a menor chance. Também o prazer de poder humilhar a vítima de modo persistente, de privá-la do reconhecimento, permanece sem satisfação ou é apenas parcialmente satisfeito. Ao entender a ação de roubar neste sentido, a capacidade da vítima de submeter-se sem resistência revela um fator de astúcia que a ajuda a limitar pelo menos seu prejuízo psicológico. O assaltado, ao não se deixar levar pela provocação do tipo "você ameaçou a gente" (reagindo com indignação ou contestando), mas, ao contrário, entregando voluntariamente seu dinheiro e seus pertences, tenta assim evitar, na medida do possível, entrar no jogo maldoso que lhe é proposto. Parece que mediante a sua submissão sem dificuldades e aparentemente voluntária ele pode salvar algo de sua auto-estima e de seu auto-reconhecimento dos quais querem privá-lo. O assaltado se defende restringindo a interpretação do episódio a um simples roubo de coisas materiais, tentando apartar suas paixões do processo, considerando que não o afeta emocionalmente. A autocompreensão cotidiana, as maneiras espontâneas com as quais estamos acostumados a lidar com outras pessoas, com aquilo que elas possuem e que nós mesmos possuímos, as coisas que se tomaram objetos de estimação, tudo isso é colocado brutalmente em questão e em dúvida no ato de ser roubado. A auto-experiência cotidiana e a experiência com e de outros saem fora dos eixos. Já não possuem mais uma condição natural e evidente garantida. Elas são 'subtraíveis'. Quem passa pela experiência de escutar que teria ameaçado e que teria mentido, sabendo que não o fez, e cuja

tentativa - certamente ingênua sob as condições de estar sendo roubado - de esclarecer alguma coisa a esse respeito é logo respondida com uma "pancada na cara", tem a sua auto-experiência abalada. Os costumes rotineiros e afirmados pelo cotidiano revelam-se uma tolice. Seguindo-os, de fato, têm-se e criam-se "problemas sérios". Aí não ajuda chamar a polícia e parece melhor entregar seu dinheiro e seus pertences, mesmo que repetidas vezes. Nesse contexto, estão em jogo riscos psicológicos bem diferentes de apenas ter medo de ser espancado, de sofrer ferimentos psíquicos e perder o seu dinheiro.

Tanto agressores como vítimas adivinham algo dos riscos da privação de reconhecimento por humilhação, da realização do princípio de não-reconhecimento na ação de roubar e ser roubado. Ambos têm uma vaga noção prévia disso, uma experiência difusa que lhes é comum e que se reflete de modo polar na ação de furtar. Poder-se-ia falar de uma experiência social patológica fundamental, da irritação e comoção de hábitos naturalizados e evidências vivenciadas no cotidiano, da erupção de um vulcão interno provocada por fatores externos, fazendo estremecer os fundamentos interiores do sentimento de segurança existencial. Tal experiência social patológica se condensa na experiência de furtar e ser roubado. Num nível não-consciente ou apenas vagamente consciente, uns, os agressores, *querem* produzir nos outros, nas vítimas, essa experiência, que estas *querem* desesperadamente evitar. Não se quer perceber o ataque que fere o *self*, sentir-se afetado: "Não sou eu quem está sendo atacado. Eles só querem o meu dinheiro e minhas coisas, e podem ficar com isso sem problema." O *self* não se sente efetivamente afetado: resguarda-se renunciando àquilo que se possui.

"Roubar é coisa diária, todos os dias alguns são roubados". Portanto, esta experiência particular não é tão particular assim. Muitos a conhecem, e aqueles que, como nossa gangue, roubaram a outros, certamente não são os que a conhecem menos. É bem verdade que dizem que nunca teriam sido roubados e que também não deixariam isso acontecer com eles: que se defenderiam e que iria haver pancadaria. Mas é possível acreditar nesta auto-representação diante daquela condensação experiencial que se expressa na ação do furtar?

Os membros da gangue juvenil não provêm de famílias abastadas. Familiarizam-se cedo com o desemprego dos pais, a dissolução da família, o alcoolismo dos pais e de parentes, comportamentos autoritários. A repressão

dos mais fracos, a discriminação de estrangeiros são temas reiterativos na conversa de grupo e no jogo de teatro nas oficinas. Estão mais familiarizados com as experiências dos perdedores do que com as dos vencedores. A ameaça, o risco de se tornar um perdedor existe, sem dúvida alguma. A experiência de ser reconhecido realmente pelos outros não é grande. Certamente conhecem esta experiência no contexto de suas famílias, mas em maior escala na sua gangue e com o professor que em todas as situações de apuro lhes deu assistência. Fora isso, a privação de reconhecimento e a humilhação lhes é mais familiar, uma experiência cotidiana contra a qual é preciso se defender. Na entrevista durante a oficina de teatro, um dos membros da gangue diz :

Sem violência não há como dar conta das coisas na rua. Quando você não é respeitado, você não é *nada*! Todos riem de você... por ser um fracassado, um perdedor... então, você tem que fazer alguma coisa para manter a tua dignidade. Senão, você não é nada... você é um pedaço de bosta, quando você não tem dignidade.

De modo geral, a "rua" é um grande jogo de furto. Ela é a sociedade. Na sociedade, furta-se em grande escala. O jogo maldoso do roubar deve ser entendido ainda de outra maneira. No roubar em *pequena* escala na rua trocam-se os papéis. Os perdedores se fazem vencedores. Tomam-se os fortes, os poderosos que mandam em tudo, que podem tirar algo de outros à vontade, humilha-los e acabar com eles, roubar-lhes - e isso é importante - a dignidade, de modo que os outros não sejam mais do que um "pedaço de bosta".

Portanto, roubar é, ao mesmo tempo, um grande e um pequeno jogo social. Do grande, ninguém é poupado. Nós todos o conhecemos. Aos perdedores atinge de modo mais duro. No pequeno jogo do furto, aparentemente joga-se com os papéis invertidos: os perdedores se fazem vencedores roubando a outros a dignidade para "manter a sua dignidade". Tanto no grande como no pequeno jogo do furto, de antemão joga-se sujo. Os fracos dificilmente têm alguma chance: "É preciso sim, às vezes, usar de violência, senão você realmente não é nada." Ao construir deste modo a experiência social fundamental compartilhada em grande medida pelos jovens da nossa gangue, o roubar se apresenta como um curto-circuito social, no qual se inverte, por momentos e num determinado lugar, a relação de tensão social. Muitos que, até o momento de serem roubados, não sabiam muito ou

não queriam saber de violência, passam por uma experiência de violência como vítimas dela. Os agressores - no caso normal mais provavelmente as vítimas de violência (estrutural, na maioria das vezes) - permitem-se o exercício de violência, numa tentativa momentânea de captar algo do lado ensolarado da vida. Um lado ensolarado do jeito que eles imaginam: o poder sobre a posse de objetos e sobre o reconhecimento e não-reconhecimento de pessoas.

"Um clique, um suspense têm um papel muito importante, quando os home **vêm**, nos pegam ou não."

No jogo de roubar em grande escala não há polícia. No jogo pequeno, muitas vezes a polícia aparece rapidamente. Então, a gangue tenta entrar num tipo de brincadeira de polícia e ladrão com os policiais. Frequentemente recebem um aviso prévio quando há polícia a caminho. Há um "pequeno amigo" ou um "pequeno irmão" que, assim que escuta falar algo de polícia ou vê um policial, chega correndo e avisa a gangue. Esta então se dispersa e eles correm separadamente a um novo local de encontro, ou primeiro se retraem todos, cada um em sua casa. Correm pelas ruas pequenas do bairro, pulam cercas, sempre alertas para não serem apanhados pela polícia. Quando conseguem, o que na maioria das vezes é o caso, são tomados por uma sensação de triunfo. "Sente-se um 'suspense'", quando se é "caçado pela polícia", quando não se tem a certeza de conseguir burlar a polícia ou se é capturado por ela.

Isso não é apenas um jogo de polícia e ladrão, porque - como a gangue também sabe - a polícia não brinca, mas leva sua tarefa a sério. A gangue joga com um caso real. Nisso, o "suspense", e um "suspense" real, um "clique" real, uma sensação excitantemente ambígua composta do medo de ser apanhado e do prazer de escapar, um medo-prazer, portanto, que deve contar com a possibilidade de sair-se mal na história, uma vez que nesse jogo se trata - como todos os envolvidos sabem - de ladrões reais e policiais reais. O que acontece com a gangue quando o jogo termina mal para ela?

Isso foi no Unisee. Você sabe onde fica isso, né? Lá, a gente assaltou alguns caras e um de nós tinha pego um relógio. Em outro a gente deu uns tapas na cara. Esse cara

"Opa! De novo violência?" L'ma conversa com grupo de jovens **ex-assaltantes**

depois pegou a bicicleta e foi à polícia. Isso a gente não sabia. Então chegaram os policiais - quer dizer, primeiro um à paisana. A gente foi embora, também a gente tinha devolvido o relógio. então a gente não tinha roubado nada. não havia nada. Agente continuou andando. aí veio o cara à paisana. ele estava com um pastor alemão e falou: "Parem aí. o cão é bravo e vou soltá-lo." Aí a gente falou: "Mas o que há? Não fizemos nada!" Então chegaram cinco ou seis vans e eles nos levaram todos para a delegacia. A gente falou: "O que há. se a gente não fez nada!" E eu perguntei: "Os nossos pais serão avisados?" Eles falaram: "Não, as vítimas só vão olhar vocês. Se vocês são os culpados. então vamos avisar os pais de vocês e vocês vão receber um castigo."

A acareação não aconteceu, mas os pais foram avisados, como contou outro jovem durante nossa conversa de grupo. Disseram ainda que não teriam dado permissão de usar o toalete a uma moça que estava com eles; isso ela "poderia fazer na Turquia". Embora estivessem também alemães entre eles, teriam escutado muitas manifestações xenófobas por parte dos policiais.

Os jovens da gangue não sentem que tenham sido tratados de modo adequado e justo pelos policiais da delegacia. Sem acareação, isto é, sem prova de que eram eles os infratores, os pais foram avisados, o que, para a maioria, acarretou surras e outras consequências ruins. Sentiram-se discriminados como estrangeiros, e um dos policiais também teria zombado de suas roupas: "Você deve vestir essas roupas de grife para ser bem visto entre os alemães, né?" No mais tardar, é na delegacia que termina o jogo de polícia e ladrão, com ladrões reais e policiais reais.

Certamente é uma afirmação bem frágil - mantida entretanto pela gangue também durante a conversa de grupo - a de que "não teria acontecido nada", "não teriam feito nada", já que devolveram o relógio que haviam roubado. Há de se supor com alguma certeza que, da parte deles, ninguém falou de um relógio roubado na delegacia, mas o fato da devolução do relógio ter sido introduzida na conversa de grupo como argumento convincente para nós, os moderadores da conversa, e para eles mesmos, não o torna credível (nem para eles mesmos). Contudo, a referência à devolução do relógio implica uma tentativa interessante de anular o delito do furto. O relógio foi devolvido, portanto, não aconteceu nenhum roubo, ninguém furtou nada, "não houve

nada". O que, então, poderia ter havido? Esta teria sido provavelmente a pergunta deles se nós tivéssemos tentado aprofundar mais essa questão durante a conversa de grupo, o que, entretanto, não ocorreu. Bom, há "uns tapas na cara", que um amigo do proprietário do relógio parecer ter levado; o proprietário do relógio também não teria entregado este voluntariamente, mas só com ameaças e o uso de outros meios de força, como já analisamos. Permanecem os aspectos da humilhação e do rebaixamento da vítima, ou das vítimas, os quais não podem ser resolvidos simplesmente com a devolução do relógio. Humilhação e rebaixamento são aspectos que, na análise que vimos fazendo, possuem um peso ainda maior para as vítimas do que a mera perda de dinheiro ou objetos como um relógio.

Na nossa conversa de grupo, nós não nos pronunciamos mais explicitamente sobre este problema; entretanto, isso seria perfeitamente possível no contexto das intervenções metódicas numa conversa de grupo, inclusive poderia ter sido muito produtivo para o desenvolvimento ulterior da conversa. Provavelmente, naquele momento, não percebemos ainda muito bem a virulência que o tema da humilhação e do rebaixamento possui na ação do roubar, e aceitamos simplesmente o pretenso auto-entendimento do grupo alegando que essa ação envolvia essencialmente valores materiais. Os valores ideais seriam negligenciáveis nesse contexto. É interessante perceber, nesta avaliação, como nos deixamos envolver pelas narrações da gangue e nos reduzimos a ouvintes benévolos. Metodologicamente, isto não era necessário em absoluto. Poderíamos ter passado perfeitamente, pelo menos por fases, ao modo da argumentação. Entretanto, como a transcrição da conversa comprova claramente, nós motivamos sempre a narração dessas histórias aventurecas que nos deixaram cada vez mais curiosos. Somente durante o nosso trabalho posterior com o grupo, nas cenas de improvisação durante a oficina de teatro e nas discussões seguintes, evidenciou-se toda a relevância do tema da humilhação, do rebaixamento e da privação, tomando-o acessível para um trabalho pedagógico. Outro aspecto ainda teve importância na nossa atitude de ouvintes benévolos e estimuladores: atenção séria é sempre também um sinal de vontade séria de querer entender, é um sinal de reconhecimento. Certamente, os membros da gangue sentiram isso, o que também pode haver consolidado mais a confiança que eles depositaram em nós.